



POÉTICAS ORAIS DA ILHA DOS MARINHEIROS: *O cego e Bela infanta*¹

POÉTICAS ORALES DE LA ILHA DOS MARINHEIROS: *O cego y Bela infanta*

Carolina Veloso Costa (FURG)²

O mais frequente invocado é o anonimato; alguns consideram de modo dinâmico uma canção tornar-se popular quando se perder a lembrança de sua origem.
(ZUMTHOR, 2010, p.25).

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar as poéticas orais da Ilha dos Marinheiros, localizada no litoral sul do Rio Grande do Sul e pertencente à cidade do Rio Grande. Esta Ilha conserva uma riqueza literária e cultural imensa. Entre cantigas de reis, lendas, poesias e contos surgem textos de origem romancísticas. Esses textos foram encontrados primeiramente na Península Ibérica, difundido principalmente em Portugal, na Espanha e na França e faz parte das mais antigas manifestações literárias conhecidas pelos estudiosos e registrados em documentos oficiais da academia. Os romances registrados na Ilha dos Marinheiros em 2011 são: *Bela Infanta* e *O Cego*, ambos encontrados em outras regiões do Brasil e do mundo com outros nomes. Desse modo, este trabalho apresentará uma análise desses romances, com base nos estudos da poética oral e do romanceiro de tradição oral, além de contextualizá-los na história dos ilhéus, em suas memórias e na oralidade de Dona Rosa, nossa principal informante.

Palavras-Chave: Poéticas Oraís; Romanceiro; O Cego; Bela Infanta.

Resumen: Este trabajo pretende presentar las poéticas orales de la *Ilha dos Marinheiros*, localizada en el sur de Rio Grande do Sul y perteneciente a la ciudad de Rio Grande. Esta isla conserva una riqueza literaria y cultural inmensa. Entre los cantares de reyes, leyendas, poesías y cuentos surgen textos de origen romancistas. Esos textos fueron encontrados por primera vez en la Península Ibérica, difundidos principalmente en Portugal, España y Francia, y hacen parte de las más antiguas manifestaciones literarias conocidas por los estudiosos y registrados en documentos oficiales de la academia. Los romanceros registrados en la Ilha dos Marinheiros en 2011 son: *Bela Infanta* y *O cego*, ambos encontrados en otras regiones del Brasil y del mundo con otros nombres. De este modo, este trabajo presentará un análisis de esos romanceros novelas con base en los estudios de la poética oral y del romancero de tradición oral, además de contextualizarlos en la historia de los habitantes de la isla, en sus memorias y en la oralidad de doña Rosa, nuestra principal informante.

Palabras-clave: Poéticas orales; Romancero; *O cego*; *Bela infanta*.

¹ Trabalho orientado pela Prof. Sylvie Dion, doutora em Literatura Comparada pela Universidade de Montreal e docente no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, mestrado em História da Literatura na Universidade Federal do Rio Grande, whipcut@gmail.com.

Este trabalho tem por objetivo fazer uma breve apresentação de dois romances de tradição oral pertencentes ao folclore da Ilha dos Marinheiros. Para tanto, pretende-se construir uma breve exposição histórica e cultural da Ilha e das origens do romanceiro, para posteriormente incluir a apresentação e contextualização das poéticas orais *Bela infanta* e *O cego*.

Devido ao fato de Dona Rosa dos Santos Carvalho, nossa principal informante, contar diferentes versões de ambos os romances aqui apresentados, tanto em prosa como em versos, procurou-se analisar somente os textos que preservam a estrutura em verso e são acompanhados por melodia. Constituindo-se como poéticas orais pertencentes à tradição popular de uma pequena ilha do sul do Brasil, mas com fortes marcas do Período Medieval europeu.

1. O folclore da Ilha dos Marinheiros

A Ilha dos Marinheiros está localizada na margem oeste da Lagoa dos Patos, e pertence à cidade do Rio Grande, extremo sul do Rio Grande do Sul. Segundo dados históricos, inicialmente, a ilha foi habitada por índios, posteriormente, por negros escravos e por portugueses (RUIVO, 1994). Existe na memória da população uma forte resistência quanto à existência de escravos negros, durante o período escravagista, mas existem registros arqueológicos que comprovam tanto a presença de uma senzala, como a de um quilombo, soterrados pelas dunas e perdidos com o passar do tempo. Nesse sentido, faz-se importante pensar no processo de formação do folclore desta região.

Desde o povoamento de Rio Grande, em 1737, com a criação do Forte Jesus, Maria e José, até meados dos anos de 1990 somente era possível ter acesso à ilha por via fluvial. O isolamento causado por essa dificuldade de atravessar a Lagoa para o continente fez com que a Ilha se tornasse uma comunidade diferente e com predomínio da colonização portuguesa, pois os índios foram assassinados ou mandados embora e os negros, por sua vez, foram arbitrariamente esquecidos. Assim, formou-se o folclore da Ilha dos Marinheiros.

Frequentada por moradores, ex-moradores e por amigos, as festas mais populares da ilha são: os bailes dos clubes, os jogos de bocha e futebol, a apresentação da banda local e as festividades religiosas. A população reúne-se para cantar seus cânticos, lembrar suas histórias, compartilhar lendas e contos locais, como a do lobisomem, das bruxas, dos óvnis ou sobre suas crenças. Por exemplo, uma festa muito popular é a Folia dos Reis, com o Canto do dia 6 de janeiro, que interage com praticamente todos os moradores e é lembrada com muito

carinho por aqueles que participaram de várias, pois hoje não é muito comum que façam, mas quando feita, serve para recordar os antepassados que iniciaram essa tradição e a transformaram no que é hoje. Essa festa é muito parecida com a festa nordestina “Bumba meu boi” e com a portuguesa “Boi de Canastra”, pela utilização de fantasias bovinas durante a *performance*.

Folia dos Reis

Na calada da noite, carregando lanternas, um grupo de músicos e pessoas da comunidade sai para festejar os Santos Reis. Os ternos de Reis saem no dia 6 de janeiro e nos dias de São Manoel, Santo Antônio, São João e São Pedro, para cantar o Santinho. Os instrumentos são enfeitados com fitas coloridas e carregam estandartes com a imagem dos Três Reis Magos. Na Ilha era usado também carregar boi, feito de couro, papel e tecido, no qual uma pessoa por baixo fazia os movimentos. Quando chegavam nas residências, faziam com ele uma encenação. A residência que recebe o terno oferece doce e licores. O estandarte é levado pela dona da casa em todas as peças da casa para receber a proteção dos Santos Reis. O Canto do dia 6 de janeiro varia um pouco de acordo com o guia, a pessoa que puxa o canto, que na maioria das vezes gosta de improvisar (AZEVEDO, 2003, p. 97).

Entre lendas, contos, poesias e cantos, eis que surgem textos de origem romancísticas, *Bela infanta* e *O cego*. Ambos os romances são cantados por Rosa dos Santos Carvalho, filha de pais e avós portugueses, nasceu na Ilha dos Marinheiros no dia 27 de novembro de 1918. Ela conta que aprendera a cantar com sua avó paterna e mãe de criação, Luísa de Jesus dos Santos, durante o trabalho na agricultura.

Apesar da única romanceira da ilha ser Dona Rosa, sempre tem um ilhéu que se recorda das histórias, e conta-as com propriedade, mas sempre remete a criação à Rosa e sua família. Dessa forma, os romances tornaram-se parte da tradição da Ilha dos Marinheiros. Ou seja, a recordação histórica expressa na memória coletiva é que legitima uma comunidade e sua identidade. Isso nos faz recordar Maurice Halbwachs (1877-1945), pois ele afirma, em suas obras, que toda memória individual existe a partir de uma memória coletiva, posto que os fatos sejam vividos em conjunto ou ao serem contados por outra pessoa tornam-se partes de sua própria memória.

A família de Dona Rosa foi de extrema importância para a formação da Ilha dos Marinheiros, tanto que existe uma parte da Ilha denominada Ponta Luísa, em homenagem a sua mãe-avó. Ambas as famílias, pai e mãe biológicos, moraram nessa localidade desde que chegaram ao Brasil, e logo após o falecimento de Dona Luísa, aos 98 anos, o local recebeu seu nome. Segundo moradores, o nome ficou, pois era uma forma de informar como chegar ao local: “Lá na *ponta* da *Luísa*”. Atualmente, Dona Rosa encontra-se com 95 anos, enferma e com a memória muito limitada, pois sofre de *Alzheimer* em estágio avançado. Desse modo,

esquece com muita facilidade dos textos. Desde que a entrevista foi concedida à pesquisadora Anna Morisson, onde foi registrado o primeiro romance em verso, *Bela infanta*, passaram-se 16 anos e ela já não consegue mais conceder outra entrevista e, muito menos, contar histórias e cantar os romances. Para tanto, Dona Rosa teve muitos filhos e entre eles quatro mulheres: Leda, Alda, Lana e Ivonete. Elas se recordam com dificuldade dos romances. Às vezes lembram-se do nome, de uma parte, do tema, do título, dos personagens...

Pinto-Correia menciona, em seus livros, sobre as versões do romanceiro encontradas no Continente Americano, que não importa onde forem encontrados os romances; o local deverá ser incluído nos lugares onde há o *Romanceiro de Tradição Oral* no folclore.

No continente americano, elas poderão ser memorizadas e transmitidas por filhos já neles nascidos [D. Rosa] e apresentarem marcas linguísticas que têm a ver com o novo extracontexto canadiano [brasileiro]. De qualquer modo, teremos sempre de considerar essa nova região como parte da geografia romancística (PINTO-CORREIA, 1984, p.51).

Por isso, a importância de registrar a memória e a oralidade das filhas de Dona Rosa, pois com elas os romances aprendidos com Dona Luísa podem continuar sendo transmitidos para outras gerações. A primeira filha com quem obtivemos contato foi a Dona Leda, que, a princípio, não recordava dos romances, mas, passado um tempo, lembrou-se de partes do *O cego*. Já a Ivonete, desde o início, demonstrou ser a mais interessada no assunto. Segundo as suas irmãs, ela desde criança demonstrava interesse em escutar a mãe e tentar aprender os textos. Além disso, no início da doença de Dona Rosa, pensou em gravar as narrativas, mas infelizmente o tempo passou e não foi possível concretizar essa ideia; entretanto, uma fita cassete foi encontrada, contendo a gravação do romance *O Cego*, em verso, e o *Bela infanta*, em prosa.

2. O Romance de Tradição Oral

Acredita-se no pressuposto de que as poéticas orais cantadas por Dona Rosa constituem-se em romances de tradição oral, devido a sua semelhança com textos já encontrados em outras regiões do Brasil, da América Latina e da Europa, como: Portugal, Espanha e França. As temáticas dos textos também possuem afinidade com os textos de origem romancística: cegos andantes e respeitados e o retorno do marido soldado.

O romance *O cego* trata de um homem que se passa por cego para raptar uma jovem, em algumas versões com o apoio de sua mãe, pois ela apoiava a cortesia feita pelo homem,

mas seu marido e sua filha não aceitavam; já em outras versões, a mãe insiste que ajude o cego contra a vontade da filha, pois em algumas regiões as pessoas cegas são vistas como sábias e com um poder divino para enxergar além do normal. Pesquisas também apontam para a suposta origem desse romance como uma paródia da vida amorosa do Rei James V da Escócia, morto aos trinta e três anos, em 1532; dizem que ele costumava se disfarçar de pobre e cego para melhorar seus dotes de conquistador e após compor baladas sobre essas aventuras.

Era uma história...

Era um cego, então o cego gostava muito da filha do casal. Da moça, né? Por causa apertava a mão dela, conversava com ela, achava ela muito simpática pela voz que ela tinha. Então um dia ele acabou e foi fazer uma serenata pra ela. Cantou...

- Abre-me essas portas,
Abre-me os postigos.
Daí-me cá um lenço ,
Que eu venho ferido.

Escutou ele cantar na janela dela e foi acordar a mãe.

- Corde minha mãe!
Acorde de dormir.
Venha ver o cego,
Cantar e pedir.
Venha ver o cego.
Cantar e pedir.

- Se ele canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho.
Diz pro triste cego,
Que siga o caminho.

- *Não quero o teu pão,
Não quero teu vinho.
Quero que a menina
Me ensine o caminho*³.

- Acorda ô Maria!
Acorda de dormir.
Venha ver o cego,
Cantar e pedir.
Venha ver o cego,
Cantar e pedir.

Acorda ô Maria!
Pega a marroca⁴ (tua roca) e o linho.
Daí pro triste cego e ensina o caminho.
Daí pro triste cego e ensina o caminho.

Ai filha se levantou e foi ensinar o caminho, mas o cego queria levá-la pra mais longe. Então ela cantou....

- *Ensinei uma reta.
Ensinei uma linha .
Pronto, cego,*

³ As partes em itálico correspondem aos trechos esquecidos por D. Rosa e lembrados por D. Leda.

⁴ De acordo com a D. Leda, a D. Rosa falou errado, pois o certo seria “pega a tua roca e o linho”.

Eu já ensinei o caminho.

*- Caminha mais um bocadinho.
Que eu sou curto da vista,
Não enxergo o caminho*

*- Adeus minha mãe,
Tão falsa me foras.
Tão falsa me eras.
Adeus meu pai,
Amor primeiro.
Sempre fui a flor
E tu meu jardineiro.*

Já no romance *Bela infanta* é contada a história de um teste de fidelidade imposto pelo marido, que por passar anos na guerra está muito diferente e quando regressa a casa quer saber se sua mulher lhe foi fiel durante os anos de sua ausência. Por ele não se identificar, a mulher oferece a esse homem tudo que tem, em troca de informações sobre o seu marido, que está supostamente morto. Na versão de Dona Rosa, a mulher é fiel e ele se identifica no final, em outras versões ela não é fiel ou não corresponde às expectativas do marido. Esse romance é o mais difundido no Brasil e representa a condição da mulher durante o período de guerra e conquista por territórios. Também conhecido como registro do período das cruzadas.

*- Ando servindo a janela,
Minha janela sentada.
Meu pente d'ouro na mão,
Meu cabelo penteado.*

*Deitei os olhos ao mar
E vi uma grande armada.
Capitão que nela vinha,
Se lá viu meu camarada.*

*- Esse homem eu não vi,
Não o vi e nem o conheço.
Mas diga o traje que ele levava.*

*- Levava cavalos brancos,
Cavalos brancos levava.
Na ponta da sua espada,
Uma cruz d'ouro esmaltada.*

*- Esse homem eu lá vi,
No meio da guerra morto.
A maior ferida que eu vi,
A cabeça fora do pescoço.*

*- Ai de mim que estou viúva,
Coitada de mim, coitada.
De três filhas que eu tenho,
Sem nenhuma estar casada.
De três filhas que eu tenho,
Sem nenhuma estar casada.*

- Mas quanto dava vós senhora,

A quem o trouxesse aqui.

*- De três moinhos que tenho,
Todos os três eu dava a si (bis).
Um de moer canela,
Outro de moer marfim,
Outro de moer prata,
No ano que me recebi⁵.*

*- Mas quanto dava vós senhora,
A quem o trouxesse aqui.*

*- De três filhas que eu tenho,
Todas as três dô a ti.
Uma para lhe vestir,
Outra para lhe calçar.
A mais linda delas todas,
Para consigo casar*

*- Não quero suas filhas,
Que não competem pra mim.
Mas quanto dava vós senhora,
A quem o trouxesse aqui.*

*- Não tenho mais que lhe dar,
Nem você que me pedir.*

*- Peço agora seu corpo,
Quero consigo dormir (bis).*

*- Olha o magano do homem,
Que veio pedir a viúva (bis).*

⁵ No ano em que casei.

Merecia, logo, ser preso
No rabo da minha burra (bis).

- Mas meu homem.
Não tenho mais que lhe dar,
Nem você que me pedir (bis)

- Peço agora seu corpo,
Quero consigo dormir (bis).
Mas meu anel de mão dada,
Que eu contigo reparti (bis).
Amostra tua metade,
Que a minha tenho aqui (bis).

O Romance de Tradição Oral faz parte das mais antigas manifestações literárias conhecidas pelos estudiosos e registradas em documentos oficiais da academia. De acordo com João David Pinto-Correia, “a primeira prova documental, isto é, escrita, de um *romance* para o mundo hispânico data de 1421 (romance “Gentil dona gentil dona” em Castelhana)” (1984, p. 54) presente primeiramente na Península Ibérica, da qual migrou para outras localidades através das inúmeras colonizações realizadas por esses povos. A data de 1421 não significa que Gentil Dona é o primeiro texto e nem que o romance foi “inventado” nesse ano, uma vez que o Romanceiro é de tradição oral e depende da memorização para ser conservado e transmitido. Desta forma, não coincide com a tradição escrita e demonstra que talvez ele tenha surgido anteriormente, em meados do século XIII ou XIV.

Pode-se dizer que são fragmentos de epopeias medievais, pois sempre contam uma história incompleta, com dois ou três personagens e um enredo histórico curto, e terminam com um ato catastrófico no final da trama. O próprio tema do romance *Bela infanta*, teste de fidelidade e retorno do marido, remete-nos a Odisseia, quando Ulisses põe à prova a fidelidade de Penélope. Além disso, “alguns relacionam [a epopeia] a toda espécie de poesia oral narrativa, especialmente de argumento histórico, sem levar em consideração o tom solene ou a extensão” (ZUMTHOR, 2010, p. 113), o romance de tradição oral constitui-se em uma narrativa poética formada por versos heptassílabos ou decassílabos, com uma única rima (do segundo com o quarto verso) e com melodia melancólica de tom tonal.

Ao definir romance tradicional, David Pinto-Correia parafraseia Menéndez Pidal e menciona, como característica fundamental do romance, a existência de melodia: “os romances são ‘poemas épico-líricos que se cantam ao som de um instrumento, quer em danças corais, quer em reuniões efectuadas para simples recreio ou para o trabalho em comum’” (1984, p.23).

É de conhecimento a presença de melodia acompanhando as narrativas orais, como um costume da Idade Média, porém as primeiras transcrições foram feitas sem mencionar esse detalhe, ou por ausência dele ou por mero descuido. “É justamente no canto que essas composições encontram sua expressão mais pura” (GARRETT, 1909, p.23). Ainda hoje, quando registram os romances cantados seja em escrita ou gravado em áudio/vídeo, não é

possível saber se utilizam a mesma melodia da Idade Média, que antes era atonal e agora passa a ser tonal. As versões da Ilha dos Marinheiros mantêm o tom melancólico e a presença de versos rimados, entretanto, é mais comum encontrar no Nordeste brasileiro os romances em prosa e sem acompanhamento musical.

Como mencionado anteriormente, além de melodiar as narrativas, o Romanceiro nunca conta uma história completa. Reduz-se a um ou dois episódios, com possibilidade de transformação na expressão e no conteúdo. Por isso diz-se que são narrativas abertas e estão unidas ao processo de memorização e reprodução. O interprete pode “modificar” a história segundo seus critérios ou gosto do público, permanecendo as marcar/símbolos principais da história, por exemplo, os anéis, da *Bela infanta*, e o pão e o vinho, do *Cego*.

A memorização dura cerca de sete séculos de conservação no tempo e repercussão no espaço. Desta forma, é inevitável pensarmos em romance enquanto tradição, visto que, na tradição está intrínseca a ideia de antiguidade e a de memória, pois é a partir dela que é possível conservar esses textos por tanto tempo. A expressão Romance Oral Tradicional foi empregada por João David Pinto-Correia (1984) e possui dois elementos básicos para ser considerada tradição: antiguidade, há conhecimento da existência deles há cerca de sete séculos; e transmissão de geração em geração, assim como os cantares de gesta, até hoje é possível encontrar nas mais diversas comunidades. O termo “tradição” estabelece contínua relação com o passado, entretanto continuam se atualizando e modificando, conforme as transformações acontecem nas sociedades e isso faz com que sempre haja renovação e surjam novas tradições.

Diversas versões semelhantes à *Bela infanta* e ao *Cego* foram encontradas nas cinco regiões brasileiras, porém cada uma com sua peculiaridade, mesmo nome, preservaram os mesmo símbolos, mesmo enredo, acrescentaram marcas locais, ou seja, diferentes textos de um mesmo romance. Isso pode ser explicado por uma situação relatada por Antônio Lopes, em 1948, quando publicou a obra *Presença do Romanceiro*, coletânea de romances recolhidos no Maranhão:

Como aconteceu na Europa os romances, receberam no Maranhão alterações, trocadilhos, palavras novas, antimetáboles, repetições, o que se verificará a cada passo da leitura das versões maranhenses compendiadas no nosso trabalho. A linguagem das versões dos romances que ainda encontramos no Maranhão basta para tirar qualquer dúvida quanto ao seu caráter popular, ou melhor, lidimamente folclórico (LOPES, 1967, p.9).

Existem versões recolhidas nas cinco regiões do país, porém é mais comum encontrar nas regiões Norte e Nordeste. Muitas delas foram encontradas em outro contexto nessas regiões, além de outras produções literárias semelhantes ao romanceiro, como a literatura de

cordel. Já os romances não são definidos dessa forma, muitos os denominam de história cantada, canção de roda... “Nenhum dos informantes mencionou a palavra romance na acepção do romanceiro tradicional [...] a expressão corriqueira é *estória de trancoso cantada* ou simplesmente *estória cantada*” (LIMA, 1977, p.24). Algumas vezes esses textos são identificados de outras formas, por exemplo, crianças brincando de roda ou encenando alguma história trágica com personagens.

Entre crianças ou adolescentes das camadas populares, até pouco tempo, costumava-se brincar de drama ou de fazer drama, isto é, representar pequenos textos dialogados, onde, geralmente, aparecem três personagens típicos: o namorado ou pretendente, a namorada ou pretendida, e a mãe ou pai de um deles, quase sempre da moça, envolvidos numa trama elementar. (LIMA, 1977, p.25)

Isso explica o interesse dos netos de Dona Rosa pelas poéticas que ela costumava cantar. Segundo suas filhas, os principais ouvintes eram as crianças tanto da família quanto da comunidade da Ilha dos Marinheiros, conforme é possível notar nas gravações do romance a voz de uma criança pedindo pela história.

Os romances são textos em constante movimento, por isso, estas composições poéticas são criações em contínuo devir, já que estão presente em nossa sociedade há séculos e cada *performance* corresponde a uma nova produção. Justificado, talvez, devido ao interesse das crianças e as mudanças que a sociedade sofre com o decorrer do tempo, fazendo com que esses textos sofram mudanças e apropriem-se de novas formas, “muitos dos romances tradicionais também perdem a sua condição de narrativa épica e se transformam em fragmentos líricos, como se fossem modinhas e canções” (LIMA, 1977, p.24). No caso aqui estudado, podemos notar que a informante utiliza-se tanto do verso, quanto da prosa, por vezes, usando os dois gêneros ao mesmo tempo. Como no início do *Cego*, quando utiliza o artifício dos contos de fadas, “era uma história”, dentre outros como a presença de refrão.

Reflexões finais

Para que um texto seja entendido como poética oral é preciso ter a tradição da oralidade e, com isso, diversos outros elementos tornam-se essenciais para que esse texto constitua-se no que ele é: linguístico, literário, gestual ou teatral e musical. Todos esses elementos formam a *performance* do interprete, e não existe sem o ouvinte, ou seja, é uma ação coletiva. Não é possível a existência de um romanceiro/interprete se esse não tiver um público, e possivelmente, um dia esse público tornar-se-á o interprete, pois a cultura oral passa de geração a geração e está presente desde a formação das sociedades.

Para tanto, suas principais características são: a) fins didáticos, todo romance tem uma moral da história, ou passa algum ensinamento, fato comum às literaturas orais; b) catástrofe, toda história termina em tragédia ou remete a uma; c) melodia, a presença da música é importante quando é contada em versos, principalmente o tom melancólico; d) poesia, todo romance é uma poesia narrativa, pois constitui-se em uma história contada em versos, com a presença de rimas, de ritmo, narrador e personagens; e) história incompleta, os romances são fragmentos, pequenos fatos narrados, sem contextualização anterior e nem posterior ao ocorrido no enredo, por isso dizem ser fragmentos de epopeias; f) não possui origem oficial, todo local se apropria do texto e passa assim a ser parte da cultura dessa localidade e, por fim, g) *performance*, toda narrativa oral compreende em uma ação coletiva, sendo necessário um interprete e, pelo menos, um ouvinte/público.

Portanto, as poéticas orais da Ilha dos Marinheiros, *Bela infanta* e *O cego* possuem essas características, desse modo, constituem-se em poéticas orais e podem ser consideradas oriundas do Romancero de Tradição Oral, difundidas por três gerações, durante dois séculos, no mínimo, e pertencentes ao folclore do Rio Grande.

Faz-se importante salientar que durante muito tempo os estudos do romancero foram restritos e não avançaram no Rio Grande do Sul, supostamente porque a cultura predominante era a alemã e italiana, e eles não possuem o romancero em sua cultura. Desse modo, somente uma poesia foi registrada como romance até o presente momento, *Nau Catrineta*, e agora a *Bela infanta* e *O cego*, se algum outro texto foi documentado, não possui a nomenclatura de romance ou ainda desconheço. É nesse sentido que este trabalho propõe dar continuidade as pesquisas e comprovar a existência do romancero na tradição popular do Rio Grande do Sul.

Referências

AZEVEDO, Anna Lúcia Morisson. *A ilha dos três Antônios*. Agueda: Jornal Soberania do povo, 2003.

GARRETT, Almeida. *Romancero*. Lisboa, 1909.

LIMA, Jackson da Silva. *O Folclore em Sergipe – Romancero*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1977.

LOPES, Antonio. *Presença do Romancero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

PINTO-CORREIA, João David. *Romancero Tradicional Português*. Lisboa: Comunicação, 1984.

RUIVO, José Carlos Vieira. Contribuição para a História da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS. In: ALVES, Francisco das Neves e TORRES, Luiz Henrique. *Temas de História do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 1994.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires. Ferreira, Maria Lucia Pochat e Maria Ines de Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.